

# CLEPTOCRACIA

Maria Lúcia Victor BARBOSA

Para o grande pensador mexicano Octávio Paz, o que caracteriza o terceiromundismo não é apenas a renda por habitante, o atraso tecnológico, a natureza das relações mantidas com os países ricos. O que caracteriza o Terceiro Mundo antes de mais nada é seu sistema político, onde prevalece a hierarquia sobre o talento, a ignorância dos direitos do homem, o desprezo pelo indivíduo. Além disso, os países do Terceiro Mundo possuem uma característica marcante: a corrupção pública. Ou como disse o economista inglês Peter Bauer: são países cujo regime político é a cleptocracia - o roubo político pelas classes políticas.

Infelizmente, o Brasil é bem marcado por essa característica. E se ela é tão antiga quanto a humanidade, se existiu em todas as sociedades e em todas as épocas, no nosso caso assume características peculiares que devem ser buscadas no passado para serem melhor compreendidas. Esse esforço histórico e analítico, já empreendido por diversos autores, volta a ser feito pelo professor da Universidade Estadual de Londrina, Antônio Frederico Zancanaro, com precisão e substância.

Em **A corrupção político-administrativa no Brasil**, tese de mestrado transformada em livro, o professor de filosofia propõe ao leitor um estudo sobre a moralidade pública e pesquisa, do período colonial até a independência, as raízes dos antivaleiros a nós legados e assimilados ao longo de séculos. Assim procedendo, procura demonstrar como o conceito de Max Weber sobre patrimonialismo, ou seja a falta de fronteiras entre as esferas pública e privada, sempre funcionou no Brasil, onde governantes administram a coisa pública como se fosse sua própria casa, estando aí uma das fontes da corrupção.

Observa, porém, o professor, que a corrupção no nosso país “possui caráter estrutural e não conjuntural” e, assim sendo, afirma: “Movimentos destinados à moralização das instituições públicas têm-se sucedido ao longo da história política brasileira, sem, contudo, lograrem

sucesso. Revoluções têm sido deflagradas, eleições levadas a efeito, importantes personalidades da vida intelectual, empresarial, artística e religiosa têm levantado suas vozes, reformas administrativas têm sido ensaiadas, CPIs têm sido instaladas, mas os resultados efetivos têm-se mostrado imperceptíveis; sem falar que bem-intencionados homens públicos têm-se sucedido no poder e, nem por isso, a mentalidade e os métodos de condução da coisa pública têm sido aprimorados. Ao contrário, a gama de antivalores morais no trato com os bens públicos tem adquirido formas cada vez mais sofisticadas ante as renovadas e peculiares circunstâncias de cada momento histórico e político. Grande número de novos dirigentes políticos e muitos de seus auxiliares - alheios aos princípios éticos propalados em discursos de campanha eleitoral - têm-se portado, junto aos órgãos diretivos e às funções públicas, como se estivessem administrando seus negócios privados”.

Preocupado com esse tipo de questão - que se interliga a outras que estimulam a corrupção, tais como: o empreguismo no setor público, o caráter casuístico das leis, a impunidade dos delitos, etc. - e depois de uma cuidadosa análise, Zancanaro aponta o que seria necessário para combater a corrupção: “Educação para a cidadania: eis o caminho a ser trilhado com urgência pela sociedade brasileira, se quiser vencer o estigma da corrupção”.

Tem razão nesse sentido mestre Zancanaro, e sua obra merece ser lida, pois ela ajuda a nos conhecermos melhor enquanto Nação e, sem nos conhecermos não poderemos superar nossos problemas. Além do mais, como disse Gunnar Myrdal: “É mais fácil governar um povo ignorante”. Na verdade, precisamos no Brasil de uma educação para a cidadania, assim como de uma educação que possa acompanhar o atual avanço do conhecimento mundial. Isto daria ao povo melhores condições de trabalho e, portanto, de prosperidade, sendo que uma Nação próspera tende a diminuir seus níveis de corrupção, porquanto eliminá-los completamente é impossível. Enquanto houver no Brasil uma política da pobreza, haverá também uma cleptocracia. E disso precisamos nos livrar. Nem que tal esforço seja tarefa de gerações.